
ENSINO FUNDAMENTAL – 9º ANO – ARTE VOLUME ÚNICO

Apostila do 9º Ano do Ensino Fundamental, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.







AULA 04

COR E EQUILÍBRIO



Como já sabemos a cor não é apenas um detalhe: é linguagem. Quem escolhe uma cor numa obra está dizendo algo, ainda que sem palavras. Mas, como em qualquer linguagem, é preciso construir equilíbrio. Quando a cor é usada com sabedoria, o olhar repousa e a alma entende.

A palavra equilíbrio vem do latim *aequilibrium*, nível igual das balanças, igualdade quantitativa; igualdade de força entre duas ou mais coisas ou pessoas, grupos, etc., em oposição.

O equilíbrio, nas artes visuais, é o princípio que organiza os elementos de uma composição de forma que eles transmitam estabilidade, ordem e harmonia. Ele está presente quando nenhum lado da obra pesa mais que o outro.



Equilíbrio cromático é o modo como as cores são distribuídas numa obra para que nenhuma grite sozinha, mas todas se completam, se apoiem e respondam. Como uma orquestra de tons: cada um no seu lugar, sem sumir nem dominar.

Como construir esse equilíbrio cromático?

1. Contraste com controle ou cores complementares: Usar cores opostas (como azul e laranja) pode criar destaque e energia, mas em excesso, vira conflito. O segredo é dosar. Às vezes, uma só gota de vermelho basta num mar de cinza.

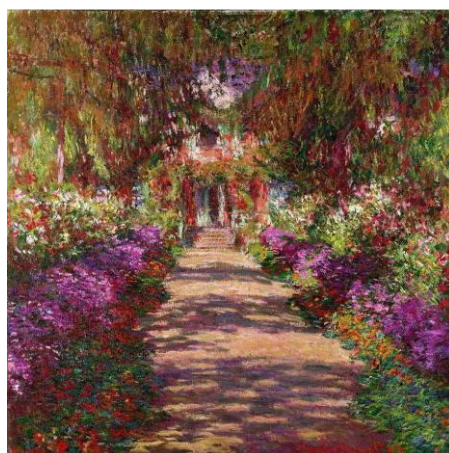
2. Cores irmãs ou cores análogas: Tons próximos (como laranja, vermelho e rosa) criam harmonia suave. Eles não brigam, dançam. Isso gera unidade e calor visual, sem cansaço.

3. Pontos de repouso ou cores neutras: Nem tudo precisa ser colorido. O neutro (como cinza, bege ou branco) serve como silêncio entre sons. Ele dá respiro ao olhar e valoriza o que está ao redor.

A arte ensina que ver vai além de enxergar. O equilíbrio cromático mostra que a beleza não está só nas cores fortes, mas na relação entre elas.

PRINCIPAIS TIPOS DE EQUILÍBRIO CROMÁTICO

Equilíbrio cromático simétrico: Distribuição ordenada e proporcional das cores, em um eixo central, transmite ordem e serenidade.

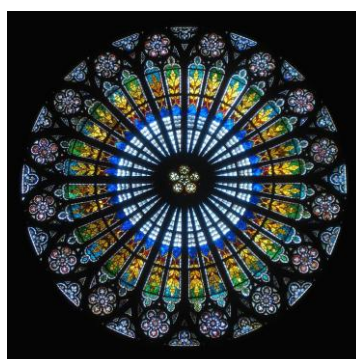


"Caminho no Jardim de Monet em Giverny, 1902".

Equilíbrio cromático assimétrico: As cores são diferentes, mas equilibradas pelo peso visual (forma, textura, direção). Traz movimento e dinamismo sem perder a harmonia.



Equilíbrio cromático radial: As cores se distribuem a partir de um ponto central, como em rosáceas góticas, simbolizando o centro divino.



Ponto Focal Cromático: Uso de uma cor mais forte ou distinta para conduzir o olhar.



O equilíbrio das cores transmite serenidade, ordem e estabilidade, princípios fundamentais na criação de Deus. Na arte, essa disposição harmoniosa auxilia na meditação e na elevação da alma às coisas celestes, ela favorece a contemplação e orienta o olhar para o que é essencial e verdadeiro.

ATIVIDADE

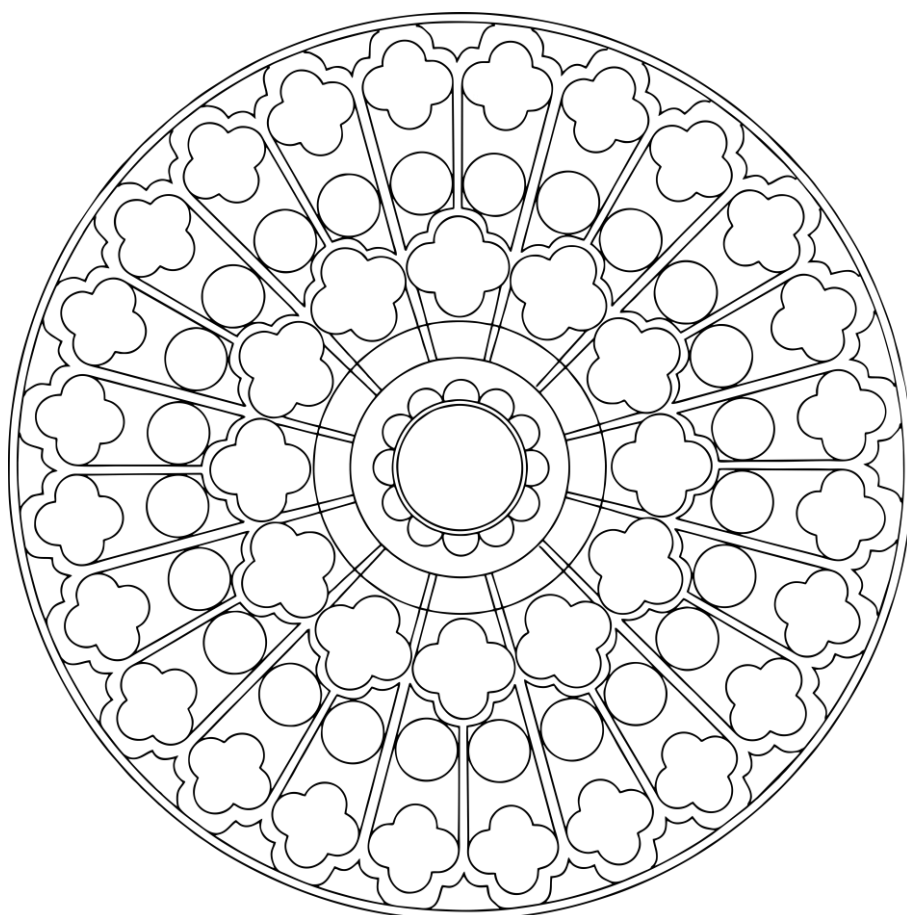
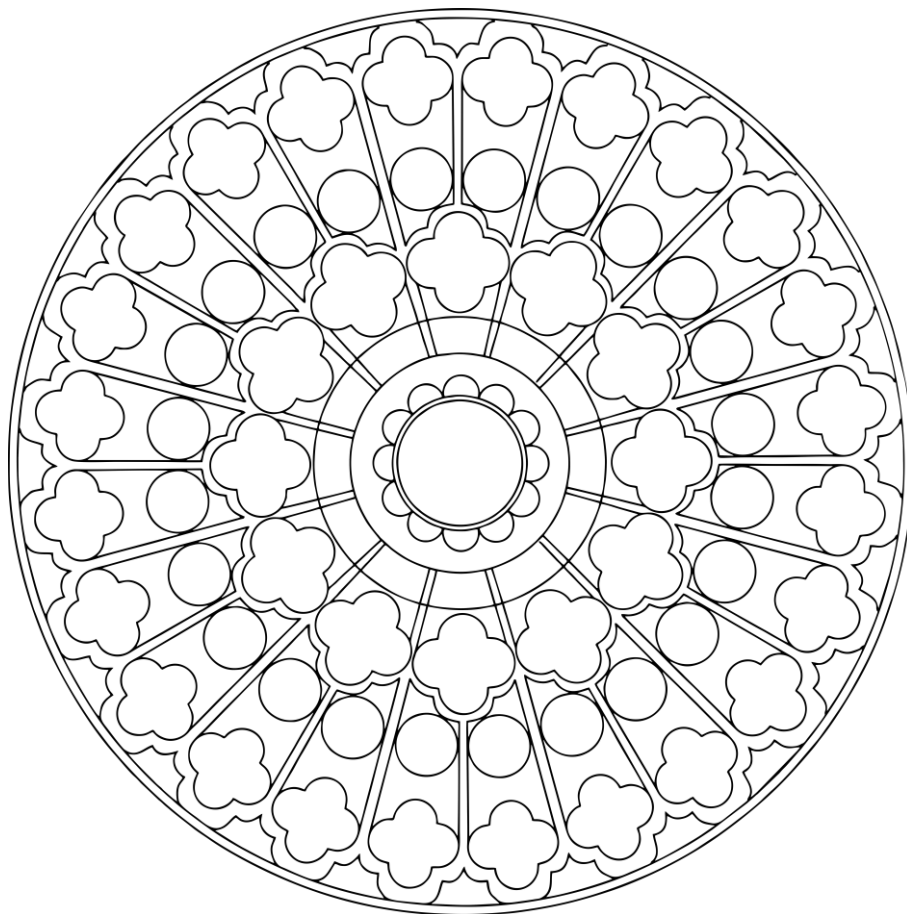
Usar o equilíbrio cromático simétrico e assimétrico para colorir rosáceas góticas.

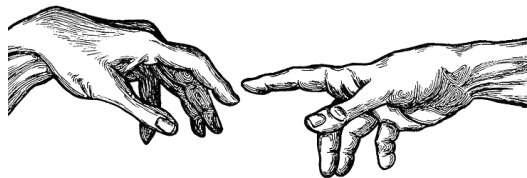
Materiais:

- Lápis de cor.
- Canetinhas coloridas (opcional).

Passos da atividade:

1. Escolha dois conjuntos de cores harmônicas (análogas, complementares, quentes, frias, tríades, tétrades, etc.).
2. Em cada uma das rosáceas, use um conjunto diferente para colorir de forma simétrica.
3. Organize as cores de forma equilibrada, favorecendo a ordem e a contemplação.





AULA 07

A FUNÇÃO DA ARTE AO LONGO DA HISTÓRIA



arte muda, mas ela nunca é neutra. Em cada tempo, ela revela o que o ser humano crê, deseja ou teme. Como vimos, ela pode consolar, ensinar, encantar, denunciar, seduzir ou elevar. E toda mudança na arte revela uma transformação mais profunda na alma de uma época.

A função da arte se transformou e, muitas vezes, se corrompeu, mas também foi resgatada.

Na Antiguidade a arte era símbolo de ordem e eternidade.

No Egito, na Grécia e em Roma, a arte tinha função ritual, política e pedagógica. Era usada nos templos, túmulos e fóruns para expressar a harmonia cósmica, a divindade ou o poder: esculturas egípcias rígidas como “portais para a eternidade”; templos gregos proporcionais, buscando o equilíbrio ideal.



A função era representar o divino, dar forma ao invisível, preservar a memória.

Na Idade Média a arte era como uma janela para o Céu.

Com o Cristianismo, a arte assume função profundamente espiritual. Ela educava os fiéis analfabetos, instruía na fé, e criava ambientes de oração. Vitrais, retábulos, ícones, rosáceas e arquitetura gótica elevavam os sentidos ao transcendente.



Função: ensinar a doutrina, conduzir à contemplação, glorificar Deus.

Renascimento: arte como reflexo do homem e ordem divina.

O olhar volta-se para o homem, mas sem cortar o vínculo com o sagrado. A arte passa a buscar beleza racional, proporção, ciência e espiritualidade ao mesmo tempo.



Michelangelo une força humana com tensão espiritual; Leonardo revela a alma em cada gesto.

Função: exaltar a dignidade humana como imagem do Criador.

Barroco: arte como emoção e drama da fé.

O século XVII mergulha no conflito entre fé e razão. A arte barroca expressa o sofrimento, a glória, a luta interior do homem que crê e sente.



O Martírio de São Mateus, Caravaggio – 1599.

Caravaggio mostra Santos com luz e sombra extrema: a graça entra no caos.

Função: tocar o coração para mover à conversão ou à admiração.

Modernidade: “arte pela arte” e pela crise.

A partir do Iluminismo, a arte se separa do sagrado e começa a buscar sua própria lei. Surge a ideia de “arte pela arte”. Aos poucos, ela quebra a forma, rejeita o passado e torna-se experimento.

Exemplo: Impressionismo, Cubismo, Dadaísmo, até a Arte Conceitual, os quais veremos nas próximas aulas.

Cada movimento desafia o anterior, e a arte vacila entre o belo e a provocação.

Função (muitas vezes): provocar, chocar, refletir angústia, afirmar a liberdade sem centro (sem Deus, ateuísta).

Pós-modernidade: arte como fragmento, denúncia ou vazio.

A arte contemporânea muitas vezes deixa de mostrar algo verdadeiro e começa a exibir seu próprio processo. Ela vira instalação, performance, protesto. Muitas vezes desperta, mas também confunde.

Exemplo: uma sala vazia com um som irritante pode ser chamada “arte”, mas o espectador sai desgastado, não transformado.

Função (na raiz): questionar tudo, até o sentido da própria arte.

Rumo à restauração: o retorno ao símbolo e ao silêncio.

Hoje, muitos cristãos e artistas atentos, buscam redescobrir a função original da arte:

A forma que revela.

O silêncio que fala.

A beleza que cura.

É tempo de educar no belo, formar pelo símbolo, purificar o olhar.

A arte mostra o que uma época ama ou idolatra. Quando ela eleva a Deus, guarda verdade. Quando confunde, revela o que o homem perdeu ou trocou.

ATIVIDADES

Funções da arte em cada tempo organizados em um cartaz.

Materiais:

- Cartolina branca.
- Lápis grafite e borracha.
- Canetas, lápis de cor, canetinha, aquarela ou tinta.

– Régua.

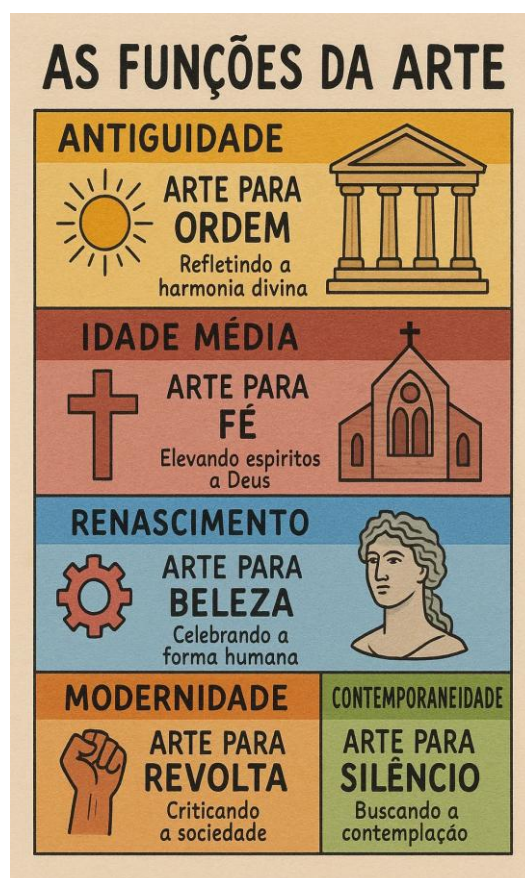
Passos da atividade:

1. Com base no resumo abaixo, responda à pergunta proposta e produza um cartaz criativo que mostre, com pequenos textos e imagens, como a arte cumpriu diferentes funções ao longo da História.

Atenção:

Seu cartaz deve destacar cada época, indicando:

1. Título do cartaz.
2. A função principal da arte em cada período.
3. Imagens ou símbolos representativos.
4. Uma frase curta que sintetize o sentido daquela arte (resposta).
5. Use cores diferentes para cada período histórico.
6. Tente criar símbolos próprios junto com os textos: sol para a antiguidade, cruz para a fé, engrenagem para a modernidade, etc.
7. Escreva tudo com letra legível.
8. O cartaz não é só informações, é também organização visual do pensamento histórico e artístico.
9. Mais que decorar, o cartaz deve comunicar o que cada tempo buscava através da arte, ordem, fé, beleza, revolta ou silêncio.



ANTIGUIDADE – Arte como símbolo eterno

Função: representar a ordem divina, preservar a memória dos reis e deuses.

Exemplo: pirâmides, templos gregos.

Imagem sugerida: escultura egípcia ou Partenon.

Responda: O que esta arte queria preservar?

IDADE MÉDIA – Arte como janela para o Céu

Função: ensinar a fé aos simples, elevar o coração a Deus.

Exemplo: vitrais góticos, ícones bizantinos.

Imagem sugerida: rosácea de catedral.

Pergunta: Essa arte comunica silêncio ou distração?

RENASCIMENTO – Arte como dignidade humana ordenada a Deus

Função: mostrar beleza, ciência, harmonia e espiritualidade.

Exemplo: “A Criação de Adão”, de Michelangelo.

Imagem sugerida: detalhe da Capela Sistina.

Pergunta: Esta arte honra o Criador ou apenas a criatura?

BARROCO – Arte como drama da alma em tensão

Função: mover à emoção e à conversão, com luz, contraste e profundidade.

Exemplo: “A Vocação de Mateus”, de Caravaggio.

Imagem sugerida: luz penetrando trevas.

Pergunta: Que parte da alma esta imagem toca?

MODERNIDADE – Arte como ruptura e autonomia

Função: questionar tradições, experimentar, buscar liberdade.

Exemplo: Homem com violão (1912), de Picasso.

Imagem sugerida: fragmentação cubista.

Pergunta: Esta arte mostra algo eterno ou passageiro?

CONTEMPORANEIDADE – Arte como pergunta ou desconstrução

Função: provocar, desconstruir, refletir angústia ou vazio.

Exemplo: “Fonte”, de Duchamp (mictório assinado).

Imagem sugerida: instalação vazia ou repetição banal.

Pergunta: Quando a arte perde o centro, o que se rompe?

RESSURGIMENTO (proposto) – Rumo à arte que eleva de novo

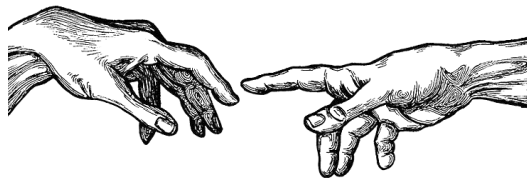
Função: restaurar o símbolo, trazer beleza sólida e silenciosa.

Exemplo: retábulos novos em igrejas tradicionais, arte sacra contemporânea fiel.

Imagem sugerida: cruz simples sobre fundo limpo.

Pergunta: O que a arte pode curar em nossa visão?

A arte sempre diz o que amamos. Que ela volte a dizer o que é verdadeiro.



AULA 11

REALISMO

Depois do Romantismo, repleto de sonhos, heróis trágicos e paisagens emocionais, surge na Europa do século XIX um novo olhar: mais direto, mais sóbrio, mais atento à realidade crua da vida cotidiana, um estilo que queria mostrar o mundo como ele é, sem exageros, sem máscaras, sem fantasia.

Nascia o Realismo, um movimento artístico e literário que surgiu na França em meados do século XIX, como reação ao idealismo do Romantismo e à superficialidade decorativa.

O mundo estava mudando. As cidades cresciam. A Revolução Industrial transformava o trabalho e a vida das pessoas. A ciência tomava força e o pensamento crítico ganhava terreno. Os artistas sentiram que era hora de encarar os fatos.

O realista busca retratar a realidade, sem disfarces, com fidelidade aos fatos, às expressões humanas e à vida cotidiana; com pinceladas precisas, paleta de cores naturais e atenção aos detalhes; estudo da luz e da textura, importância dos contrastes e da iluminação.



Madame Bovary, Gustave Courbet - entre 1853 e 1928.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO REALISMO

Representação fiel da realidade: Os artistas buscavam retratar o mundo tal como é, sem idealizações. Mostravam cenas do cotidiano, com atenção aos detalhes reais da vida comum.

Temas sociais e contemporâneos: O Realismo revelou as desigualdades sociais, o trabalho pesado, a vida dos camponeses, operários e burgueses, sem enfeite, sem fantasia.

Crítica à idealização romântica: Rompe com os heróis sentimentais e os sonhos irreais do Romantismo. No lugar da emoção exagerada, entra a observação atenta e sóbria.

Valorização da figura humana real: Pessoas comuns são colocadas no centro da arte: com rugas, dores, silêncios. Há uma busca por mostrar o interior verdadeiro dos personagens.

Uso da luz e das cores de forma naturalista: As cores são terrosas, os ambientes realistas, a iluminação segue a lógica da natureza e não da fantasia.

Rejeição do academicismo e da idealização estética: A beleza não está no que é perfeito, mas no que é profundo. A arte realista acredita que a verdade impacta mais do que o adorno.

Influência da ciência e da razão: Inspirado pelo avanço do pensamento científico, o Realismo abordou a arte como um exercício de investigação sobre o humano e o social.

VALORIZOU

A verdade da vida comum: homens e mulheres simples, em cenas do dia a dia.

A crítica social: mostrou a desigualdade, a pobreza, o sofrimento e até a monotonia.

A observação direta e rigorosa: tudo era minucioso, bem estudado, quase como uma fotografia.

A razão sobre a emoção: o sentimento saiu do centro para dar espaço à realidade visível.

Retratos psicológicos profundos, não heróis, mas seres humanos com falhas.

Luz e sombra natural que iluminam a cena como realmente ocorre.

Expressão sincera: Os rostos revelam sentimentos humanos autênticos.

Na pintura, artistas como Gustave Courbet retratavam trabalhadores, camponeses, operários, não reis ou heróis. Pintavam o que viam sem embelezar.

Frase do próprio Courbet: “Não posso pintar um anjo porque nunca vi um.”



“Um Funeral em Ornans”, Gustave Courbet – 1849-50.

Na arte religiosa, essa abordagem foi utilizada para retratar a humanidade dos Santos e de Cristo, tornando-os mais próximos dos fiéis.

Ocorreu entre 1848 e 1890, como reação ao Romantismo.

Originou-se na França, mas rapidamente se difundiu por toda a Europa e América. As pinturas e esculturas foram utilizadas para aproximar os temas religiosos da experiência humana. Viam a realidade sem perder a caridade. Não se tratava de retratar a dor pelo escândalo, mas pela compaixão; de mostrar a verdade com amor e justiça, reconhecendo a dignidade do homem em qualquer condição, eis o realismo sob a luz da fé.

O Realismo nos ensina que a arte também serve para abrir os olhos. Nem tudo precisa ser sonho. Às vezes, o que transforma é enxergar o real com lucidez e coragem.

Representa uma camponesa cansada que segura a foice, no final do dia.



“A Canção da Cotovia” Jules Breton – 1884.



O Quarto Estado Giuseppe Pellizza da Volpedo – 1901.

Representa um grupo de trabalhadores que caminha com dignidade e ordem, clamando por justiça.

O Realismo convida à compaixão e à atenção para com o sofrimento do próximo. É o olhar do Bom Samaritano que vê a ferida, mas age com misericórdia.

Os pintores realistas muitas vezes retratam com grande dignidade cenas da vida de trabalhadores humildes, refletindo o valor do trabalho, virtude ensinada por **São José**, padroeiro dos trabalhadores.



“As Respigadoras”, Millet – 1857.



“Maremma”, Giovanni Fattori – 1861.

ATIVIDADE

Leitura e reprodução de uma cena cotidiana com abordagem realista: “A vida como ela é”.

Materiais:

- Folha para desenho.
- Lápis grafite e borracha.
- Lápis de cor, canetas ou tinta.

Passos da atividade:

1. Leia uma obra realista sob o olhar da fé.
2. Observe atentamente a pintura “O Angelus”, de Millet – 1858.



Responda:

- a) Que momento do dia é representado?
- b) O que o casal faz?
- c) O que eles estavam fazendo?
- d) O que há no fundo da imagem?
- e) Como é a roupa do casal?
- f) Que sentimento a cena transmite?
- g) Como essa imagem ajuda a contemplar o valor da oração e do trabalho simples?

3. Agora sua vez:

Escolha uma cena do cotidiano de uma família católica: uma família em oração, uma pessoa trabalhando, uma criança ajudando no lar, jovens estudando, uma senhora rezando o terço, etc.



Desenhe com atenção aos detalhes: expressão do rosto, posição do corpo, roupas simples, luz natural. Comece com uma ideia, depois o esboço.

Dê importância ao ambiente (mesa, chão, ferramentas, luz da janela).

Finalize com detalhes e dê um nome à obra.

Apresente seu trabalho a alguém, apontando as principais características do realismo.



AULA 13

TÉCNICAS DE PINTURA: GIZ PASTEL



variedade de técnicas artísticas permitiu que diferentes estilos e materiais fossem utilizados na arte ao longo dos séculos. Diferentes suportes e diferentes materiais, possibilitaram uma grande profusão de produções artísticas.

Uma dessas é o uso do giz pastel, cor que se entrega ao toque.

O giz pastel é um material artístico que envolve o olhar, a mão e a pele. Ele não usa pincel: a mão é o pincel. A cor não é diluída, é pura, intensa, seca.



TIPOS DE GIZ PASTEL

Pastel seco: textura mais frágil, bem pigmentado, ideal para esfumar.

Pastel oleoso: tem base oleosa, é mais denso, adere bem e permite sobreposição de camadas.

O giz pastel é muito usado para criar retratos, paisagens emocionais, estudos de cor e volume, além de ser excelente para desenvolver a percepção tátil e cromática. Desenvolve o controle da pressão da mão. Exige observação de forma e cor. É expressivo, vibrante e direto. Estimula o uso de técnicas de mistura, sobreposição e esfumamento.



GIZ PASTEL SECO



- Textura aveludada e quebradiça.
- Cores vibrantes, fáceis de esfumar.
- Ideal para superfícies levemente ásperas (papel texturizado).
- Muito usado em retratos, paisagens e estudos de luz e sombra.



Orientações de uso:

Desenvolva do geral para o detalhe: Comece cobrindo grandes áreas e só depois defina contornos finos (com pontas de giz afiadas ou pequenos pedaços).

Use os dedos com inteligência: Esfumar com o dedo cria suavidade, mas pode sujar ou borrar. Experimente também usar:

- cotonetes;
- pedaços de papel toalha;

- estecas de silicone macio.

Sobreposição com cuidado: Cores claras sobre escuras funcionam bem, o contrário nem sempre. Camadas demais podem soltar pó.

Fixar para não perder: Ao final, use spray fixador artístico (ou laca de cabelo, com moderação). Isso impede que o trabalho se apague com o tempo.

Evite apoiar a mão sobre o desenho: A cada gesto, proteja com papel fino posicionado sobre a área já feita.

“O pastel seco pede delicadeza: é preciso saber onde parar. Ele ensina que nem tudo precisa ser apagado, basta soprar.”

GIZ PASTEL OLEOSO



- Textura mais firme, oleosa, rica em pigmento.
- Adere bem a quase qualquer superfície (papel, papelão, tela).
- Mais difícil de apagar ou corrigir, exige firmeza na escolha da cor.



Orientações de uso:

Pressão controlada: Camadas mais fortes cobrem bem, mas marcam o papel. Camadas suaves permitem mistura sutil.

Mistura com espátula ou dedo: Cores podem ser fundidas pressionando com os dedos ou arrastando com ferramenta não pontiaguda.



Combinação com solventes (opcional): Se quiser um efeito de pintura a óleo, umedeça o cotonete com óleo de bebê ou solvente suave e espalhe o pigmento.

Traço final com confiança: Como a base é oleosa, é difícil voltar atrás. Oriente os alunos a pensarem bem antes de marcar o contorno ou zonas de brilho.

Explorar textura e contraste: Criar efeitos de casca de árvore, cabelo, tecido, luz noturna e sol pode ser bastante expressivo com o uso correto da fricção.

“Com o pastel oleoso, não dá para apagar, mas dá para transformar. Ele ensina que firmeza não exclui poesia.”

ATIVIDADE

Explorar o uso de giz pastel, e criar uma imagem explorando luz, sombra, cor e forma com técnicas adequadas.

Materiais:

- Lápis grafite.
- Giz pastel oleoso (conjunto básico).
- Papel para desenho (canson A4 180 g, ou papel específico para pastel).
- Papel toalha, cotonetes, esteca ou pedaço de papel cartão (para esfumar).
- Spray fixador ou laca de cabelo (opcional).

Passos da atividade:

1. Escolha um tema para esta obra: uma fruta (maçã, pera, uva), um objeto, uma paisagem, um céu com nuvens, um altar, uma fachada, flores, etc.
2. Faça um desenho base (rascunho), com traços bem suaves, só para guiar.
3. Com o giz, use cores intensas, sobreposição firme. Misture aos poucos.

4. Orientações:

- **Bloqueio de cor:** comece aplicando os tons principais, sem entrar em detalhes.
- **Mistura com o dedo:** esfume suavemente pequenas áreas.
- **Sobreposição de cores:** comece com tons médios, depois luz (claro) e sombra (escuro).
- **Arraste com cotonete ou papel:** para suavizar, faça transições sem borrar demais.
- **Textura com riscado final:** depois de esfumar, use a ponta do giz para destacar fios (cabelo, contorno, brilho no olho, texturas, detalhes).
- **Menos é mais:** não exagere nos esfumados, deixe algumas texturas vivas.
- **Respeite a luz:** onde bate luz, não escureça. Onde há sombra, não tema escurecer.
- Aplique fixador (opcional).
- Dê um título à obra.
- Apresente a alguém, e explique as diferenças e semelhanças entre os materiais.





AULA 17

MOVIMENTOS “ARTÍSTICOS” DO SÉCULO XX



Como vimos nas aulas anteriores, as vanguardas são os primeiros movimentos de ruptura radical com a arte tradicional, que surgiram na Europa logo no início do século XX. Todas surgiram de 1905 a 1930, e tinham um espírito comum: ruptura, liberdade e provocação.

Mais adiante, o mundo mergulhou em outras formas de crise: guerras maiores, avanços tecnológicos, massificação da cultura e profunda transformação nos valores. A arte, mais do que nunca, deixou de servir apenas à beleza e passou a servir à consciência, à crítica e ao conceito.

Com o mundo ferido por guerras, seduzido pelo consumo e cercado pela propaganda, a cultura de massa transformou imagens em mercadoria e repetição em rotina. Nesse cenário, alguns artistas começaram a afirmar: o comum também pode ser ícone. A Pop Art eleva o banal, dá cor ao cotidiano. Já a Arte Conceitual vai além, declara que, mais do que a matéria, o que importa é a ideia: o pensamento passa a ser a própria obra.

Esses movimentos artísticos que vieram depois, em outros contextos sociais e culturais reformularam o próprio modo de pensar o que é arte. Alguns abandonaram a figuração. Outros deixaram o quadro. E outros ainda, nem precisaram de matéria, bastava a ideia.

Cada novo movimento respondia às dores do mundo com uma forma nova, um grito diferente, uma matéria reinventada.

Os Principais movimentos artísticos depois das Vanguardas são: **Abstracionismo, Pop Art, Arte Conceitual, Performance Art, Instalação, Minimalismo, Hiper-Realismo, etc.**

ABSTRACIONISMO

Depois de tantas rupturas provocadas pelas Vanguardas, uma nova pergunta surgiu: E se a arte não mostrar nada reconhecível? E se a cor, a linha e o ritmo forem suficientes para tocar a alma?



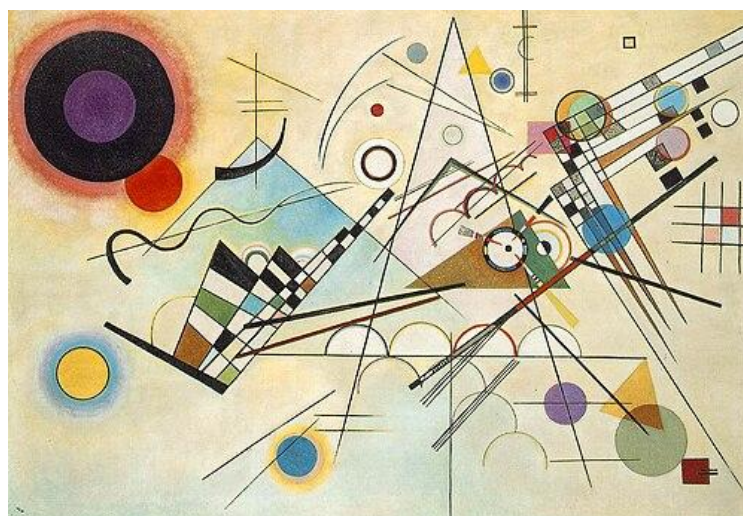
Número 5, Jackson Pollock – 1948.

Desde 1910, mas com força no pós-guerra, o mundo parecia impossível de representar tal como era. Surge o desejo de pintar a essência invisível da coisa, não sua aparência.

Nascia ali o Abstracionismo, uma forma de arte que dispensa a figura, os objetos visíveis, e tenta expressar o que não tem nome: sentimentos, força interior, espiritualidade, equilíbrio.

ABSTRACIONISMO LÍRICO (OU EMOCIONAL)

- Expressa a liberdade do gesto.
- Pinceladas espontâneas, como uma música visual.
- Revela estados da alma.

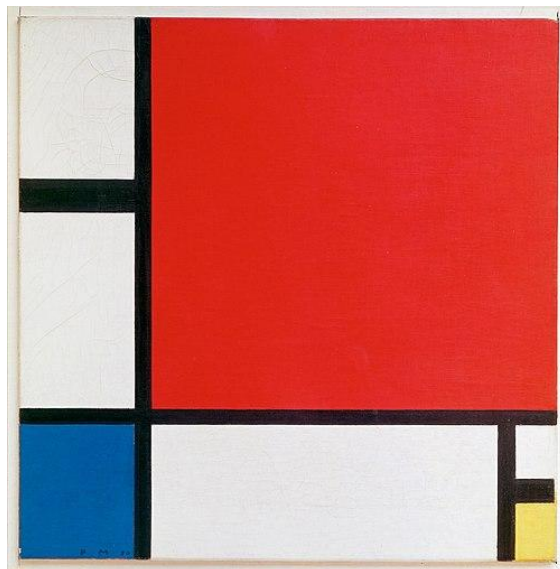


“Composição VIII”, Wassily Kandinsky – 1923.

Kandinsky escutava cores e via sons. Para ele, arte era instrumento espiritual.

ABSTRACIONISMO GEOMÉTRICO (OU RACIONAL)

- Usa linhas retas, cores puras e equilíbrio formal.
- Inspira-se na harmonia universal, como a matemática da beleza.
- Sem formas reconhecíveis.



“Composição II em Vermelho, Azul e Amarelo”, Piet Mondrian – 1930.

Mondrian buscava a essência do mundo na ordem, no silêncio das formas.

O Abstracionismo, **predominantemente revolucionário**, desafia tudo o que compreendemos como arte e estética: diante dele não há paisagem, nem rosto, nem história, só cor e estrutura. Ele induz sensações sem nomeá-las, a acostumar-se com formas dita artísticas, sem revelar arte alguma.

O Abstracionismo não dignifica nada do mundo de fora. Busca, antes de tudo, confundir o “mundo de dentro”.

Muitos vitrais de Igrejas modernas adotaram princípios do abstracionismo geométrico, utilizando formas simples e cores vibrantes como instrumentos de contemplação do mistério divino, como ocorre na Capela de Ronchamp, na França.





AULA 23

ARTESANATO E ARTE



artesanato é uma forma de expressão manual e cultural que acompanha a história da humanidade desde seus primórdios. Ele nasce do gesto repetido, da habilidade herdada, do saber transmitido, muitas vezes dentro da mesma família, geração após geração.

Trata-se de objetos produzidos com as mãos, com pouco uso de máquinas ou processos industriais, onde predomina o cuidado pessoal e o conhecimento adquirido pela prática. Não é feito em série nem em grandes fábricas.

O artesanato tem função decorativa: utensílios domésticos, roupas, cestas, teares, esculturas populares, cerâmicas, joias, bordados e objetos religiosos. Cada região do Brasil, e do mundo, tem formas próprias de artesanato que revelam identidade, saberes locais e ligação com o cotidiano do povo.



ARTESANATO BRASILEIRO: MÃOS QUE GUARDAM A ALMA DE UM POVO

O artesanato brasileiro é a memória moldada à mão, uma cultura viva que atravessa os séculos e as gerações. Ele nasce em gestos repetidos e sucessivamente transmitidos, de geração em geração, carregando a marca de quem o fez, o lugar onde nasceu e a história que sustenta.

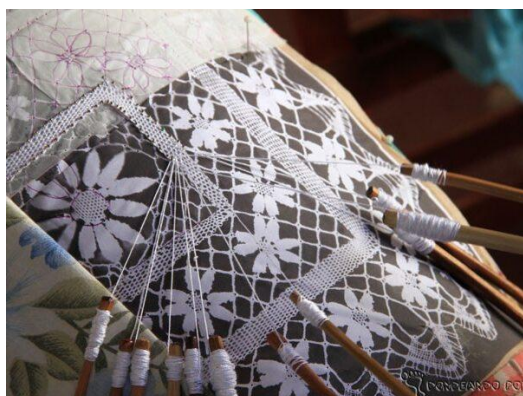
Presente desde os tempos do Brasil colônia até hoje, o artesanato brasileiro mistura estilos indígenas, africanos e europeus. Essa mistura criou uma variedade impressionante

de formas, materiais e estilos. Em cada região, o fazer artesanal revela identidade local, saber tradicional e modo de viver.

No Norte, temos a cerâmica marajoara e a arte com madeira e sementes. No Nordeste, destacam-se a renda de bilro, o barro de Caruaru, o bordado sertanejo e os santos populares entalhados com devoção. No Sudeste, encontramos fiandeiras, cestos, arte com couro e instrumentos musicais. No Sul, os artesanatos trazem traços da imigração europeia, com madeira, lã, couro e ferro. Em todo o país, povos indígenas seguem criando colares, bonecas, pinturas corporais, cestarias e grafismos que guardam sua tradição.



Cerâmica marajoara (Pará).



Renda de bilro (Nordeste).



Barro de Caruaru.



Tecelagem.



Artesanato em madeira do Vale do Jequitinhonha (MG).



Artesanato em madeira – Ouro Preto (MG).



Panelas de barro de Goiabeiras (ES).

Além do valor estético e cultural, o artesanato é também fonte de renda. Em feiras, mercados locais, comunidades quilombolas ou aldeias indígenas, ele continua vivo e sendo fonte de renda para inúmeras famílias.

DIFERENÇAS ENTRE ARTE E ARTESANATO

Embora ambos compartilhem expressão, forma e sensibilidade, existem diferenças claras:

1. Finalidade:

O artesanato tem muitas vezes uma função utilitária ou repetível (cestos, utensílios, vestuário decorado).

A arte é voltada para expressão simbólica ou contemplativa, mais livre e autoral.

2. Processo de criação:

O artesanato costuma seguir técnicas tradicionais, padronizadas, passadas oralmente. A arte tende à originalidade, invenção e ruptura.

3. Reprodução:

Um artesão pode repetir a mesma peça dezenas de vezes.

Um artista busca criar uma obra única, irrepetível.

4. Relação com o tempo:

O artesanato preserva.

A arte revela.

Vale lembrar que um artesanato bem feito também comunica beleza, cultura e verdade. E muitas obras de arte nasceram de técnicas artesanais. Nem todo artesanato é arte, mas o bom artesanato forma o olhar, nutre a sensibilidade e guarda memórias vivas de um povo.

Em tempos de produção em massa e máquinas, o artesanato resiste como gesto humano concreto: paciente, silencioso, presencial.

ARTESANATO CRISTÃO NO BRASIL: FÉ QUE TOMA FORMA COM AS MÃOS

Desde o período colonial, o artesanato cristão no Brasil teve forte presença, especialmente ligado à catequese e à devoção popular. Esculturas de santos, crucifixos, presépios, oratórios, ex-votos, terços feitos à mão e bordados com símbolos sagrados são exemplos que unem fé e tradição.

Muitos desses objetos são feitos por artesãos anônimos, com materiais simples como barro, madeira ou tecido, mas portam grande valor espiritual. O artesanato cristão procura comunicar o sagrado com verdade, humildade e beleza.

Presente em cidades históricas e comunidades rurais, ele segue vivo até hoje, como expressão concreta de um povo que reza com as mãos.

O artesanato tem sido, ao longo da História, uma forma de expressão artística ligada à cultura e à fé. Desde os mosteiros medievais até as comunidades religiosas no Brasil, a arte cristã tem sido transmitida por meio do trabalho manual.

ATIVIDADE

Artesão da nossa terra: conhecer e valorizar o artesanato típico da cidade, região ou estado, como forma de preservar a memória, compreender técnicas tradicionais e reconhecer símbolos culturais.

Passos da atividade:

Responda: Sua cidade possui algum tipo de artesanato específico? E seu estado?

1. Escolha um tipo de artesanato tradicional da sua cidade, região ou estado. Pode ser algo ainda feito por artesãos locais hoje ou uma prática histórica mantida na cultura popular.

2. Anote os seguintes pontos:

a) Origem: Como e quando surgiu? Está ligado a algum grupo cultural (indígenas, quilombolas, imigrantes, religiosos)?

b) Técnica: Como é feito? A produção é manual? Usa moldes, tramas, entalhes, costura, torção?

c) Materiais utilizados: Que tipo de recurso natural ou reciclável é usado?

d) Função: Para que serve (uso doméstico, religioso, decorativo, vestuário, vida diária)?

e) Símbolos presentes: Cores, formas, desenhos, palavras ou padrões que revelam significados do lugar.

3. Se possível, entreviste um artesão e monte uma ficha completa com:

a) Nome do artesanato.

b) Registre a entrevista com 3 perguntas simples sobre: como ele(a) aprendeu o ofício; o que sente ao criar; o que mais gosta de fazer.

- c) Imagem (impressa, desenhada ou colada).
- d) Texto explicativo com os elementos pesquisados (mínimo 12 linhas).

Atenção à:

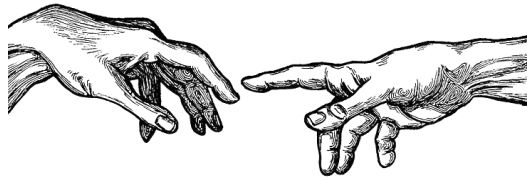
- Pesquisa fiel e bem-organizada.
- Clareza na explicação da técnica e seus símbolos.
- Apresentação estética da ficha (imagem bem integrada ao texto).
- Capacidade de reconhecer valor cultural e humano no fazer artesanal.
- Onde há sabedoria nas mãos, há história nas formas.

Sua vez!

Com materiais simples (como papelão, palha, fio, tecido, terra, sementes, etc.), crie um pequeno objeto com função e significado pessoal. Pode ser um marcador de livro, um descanso de mão, um símbolo pendente, um pequeno recipiente ou forma simbólica.

Requisitos:

- Feito à mão.
- Inspirado em alguma técnica artesanal conhecida.
- Acompanhado de um pequeno texto: “Este objeto representa”.



AULA 27

PESO VISUAL



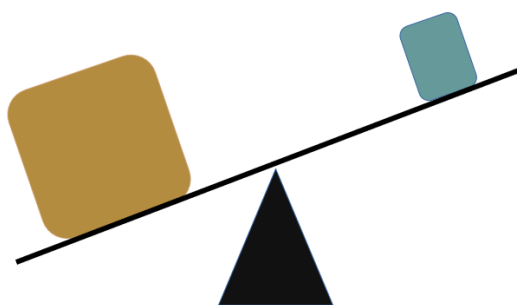
peso visual é a impressão de importância, força e destaque que um elemento exerce dentro de uma composição. Mesmo que não tenha massa física, uma imagem pode parecer “mais pesada” visualmente por causa de sua cor, forma, posição ou tamanho. É o elemento visual mais intenso, mais atrativo ou mais significativo para o observador.

Na composição artística cada forma representada tem seu peso visual expresso por suas dimensões, distância e valores.

Elementos grandes ou muito escuros têm maior peso visual que elementos menores e claros, assim como objetos de materiais metálicos ou de pedra têm maior peso visual que elementos de tramas naturais, tecido ou vidro. As cores quentes pesam mais que as cores frias.

FATORES QUE INFLUENCIAM O PESO VISUAL

Tamanho: Elementos maiores parecem mais pesados.



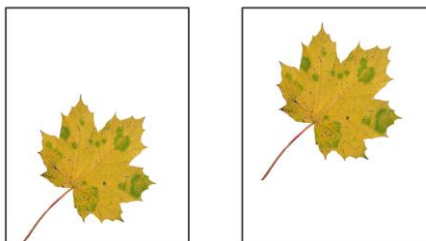
Cor: Cores escuras, muito saturadas ou quentes têm mais peso visual do que tons claros, suaves e frios



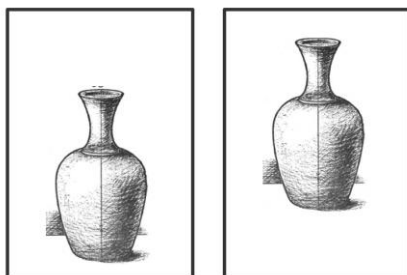
Textura: Áreas com mais detalhes ou textura chamam mais atenção.



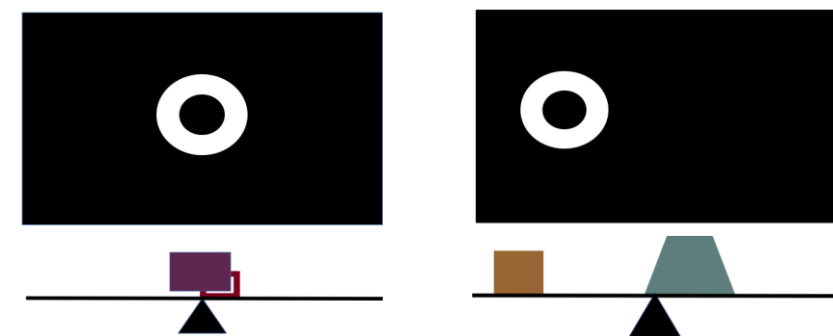
Posição: Elementos localizados no topo ou nas laterais podem parecer mais pesados dependendo do equilíbrio da obra.



5. Localização: Quando o peso visual está situado na parte inferior, a composição é mais estável e sólida.



Quanto mais uma forma é afastada do centro maior é seu peso visual



6. Isolamento: Um objeto sozinho no espaço pode ganhar mais destaque do que se estivesse agrupado. As figuras isoladas podem equivaler a uma massa de tamanho superior. A explicação é que um objeto isolado cria um centro de atenção que influi no resto da composição.



7. Forma: As formas irregulares com contornos definidos pesam mais.



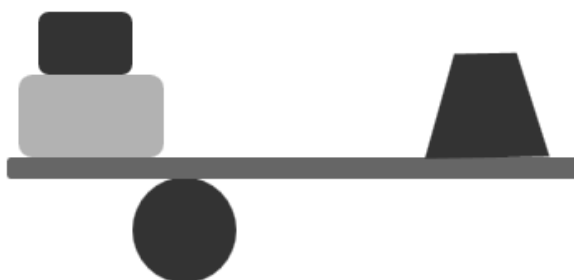
Formas em tensão são mais interessantes e aumentam a força visual.



EQUILÍBRIO: DISTRIBUINDO O PESO VISUAL

A clareza de uma composição vem do equilíbrio entre os pesos visuais.

Como numa balança, se tudo “pesa” do mesmo lado, a imagem fica desequilibrada.

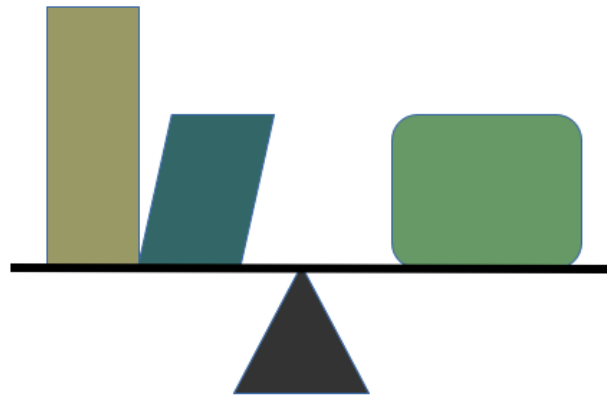


Mas se o artista distribui bem as tensões visuais, a obra se torna estável, dinâmica e agradável de contemplar.

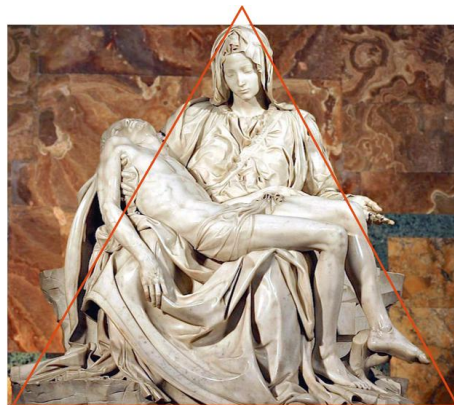
Objetos maiores próximos ao centro compositivo facilitam o equilíbrio.



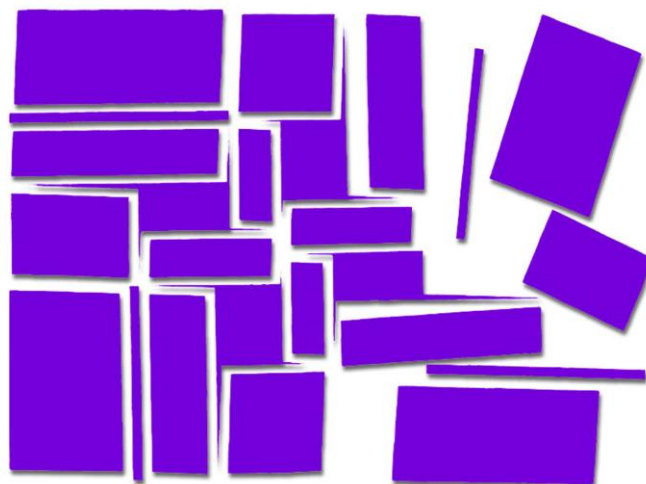
Objetos maiores distantes do centro de equilíbrio compositivo precisam de contrapeso equivalente.



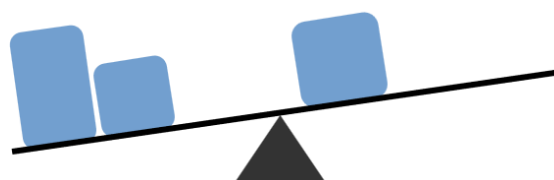
Toda composição tende ao equilíbrio quando a parte mais “pesada” da composição estiver no terço inferior.



Quando o peso visual está desequilibrado, temos uma tensão na obra:

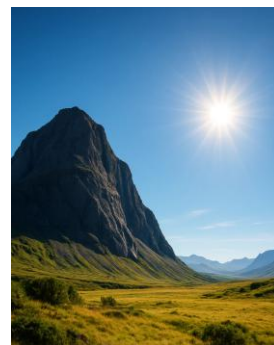


Metaesquema, Hélio Oiticica.



Já em um quadro de paisagem, uma montanha grande à esquerda e um céu aberto com sol brilhante à direita podem se equilibrar: o volume de um lado e a luz do outro compensam.

O peso visual revela que a arte é uma composição que se movimenta. O olho sente antes mesmo de pensar. Onde há peso demais, há sufocamento. Onde há leveza demais, há dispersão.



ATIVIDADE

Criar uma composição usando diferentes formas e pesos visuais equilibrados.

Materiais necessários:

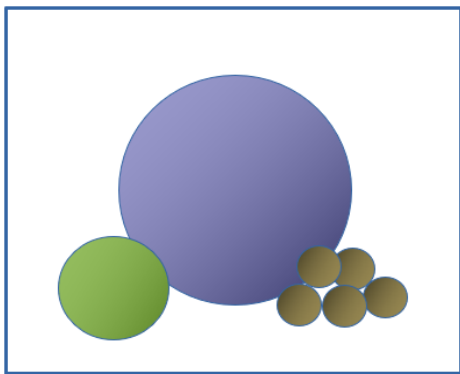
- Papel para desenho.
- Tesoura.
- Lápis grafite e borracha.
- Lápis de cor, aquarela, giz ou tinta.

Passos da atividade:

1. Recorte as figuras em anexo, e as organize sobre uma folha de papel a fim de criar uma composição com equilíbrio no peso visual, explorando as relações geométricas e harmonia visual. (Obs.: não é necessário utilizar todas as formas, mas pelo menos duas).

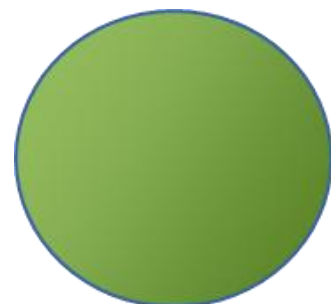
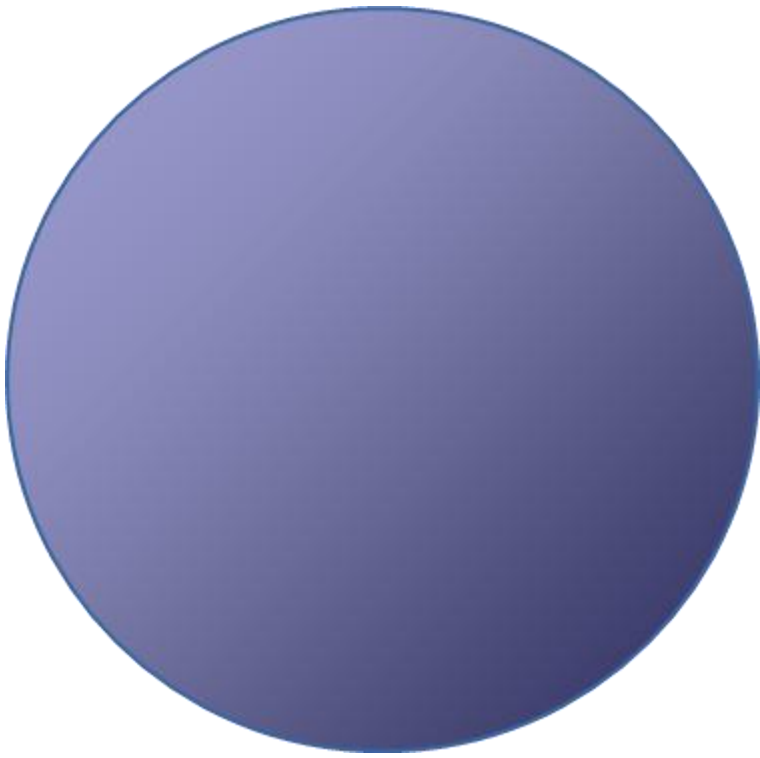
2. Após encontrar o equilíbrio do peso visual, a partir dessa organização, crie uma composição de natureza morta, ou seja, as formas geométricas devem se transformar em um objeto, frutas, flores, vasos, etc.

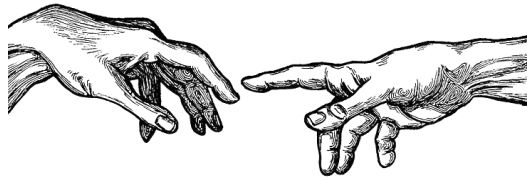
Natureza morta é um tipo de pintura ou desenho que representa objetos inanimados, geralmente simples, do cotidiano: frutas, flores, vasos, livros, tecidos, instrumentos, alimentos, jarros, velas, etc.



3. Finalize a sua obra colorindo.

4. Identifique e escreva o que mais atrai o olhar e por quê (a cor, o tamanho, a posição). Reflita como isso favorece a contemplação da obra.





AULA 32

TÉCNICA DO PAPEL MACHÊ

“Modelar com as mãos aquilo que o coração contempla é também uma forma de oração.”

O papel machê é uma técnica de escultura leve feita com papel picado e cola. Foi amplamente utilizada por artesãos cristãos para confeccionar imagens sacras e presépios.



O QUE É PAPEL MACHÊ?

Papel machê (do francês papier mâché, que significa “papel mastigado ou amassado”), é uma técnica artística e artesanal de modelar formas tridimensionais com papel rasgado, água e cola.

Ao secar, o papel endurece e se torna uma estrutura sólida, pronta para ser lixada, pintada e transformada em objeto artístico.



É uma arte que começa no que parece inútil, restos de papel, e termina num objeto resistente e expressivo, símbolo visível de transformação.

COMO SURTIU O PAPEL MACHÊ?

A técnica existe há séculos.

Na China (séc. II d.C.) usaram a mistura de papel e cola para criar máscaras, tigelas e pequenos móveis. No Oriente Médio e Índia, refinado em esculturas ornamentais. Na Europa (séculos XVII–XIX) era usado em moldes decorativos, imagens religiosas e até móveis. No Brasil: presente no artesanato popular, festas litúrgicas, procissões e decoração sacra, especialmente em comunidades com poucos recursos, onde a beleza precisava nascer do pouco.



TÉCNICAS E MATERIAIS

Materiais básicos:

- Papel (jornal, revistas, folhas recicladas).
- Cola (cola branca diluída ou mistura de farinha + água + sal).
- Molde (balão, caixa, garrafa, recipiente).
- Tinta e pincel para acabamento.
- Verniz simples (opcional).



Técnicas utilizadas:

1. Técnica de tiras:

- papel rasgado em tiras;
- mergulhado na cola;
- aplicado em camadas sobre um molde.



2. Técnica de polpa (mash):

- Pique o papel e deixe de molho em água morna até virar polpa.
- Amasse até virar polpa.
- Misture com cola branca ou farinha cozida e modele com as mãos como argila.
- Modele sobre molde firme.
- Deixe secar (2 – 3 dias) e pinte com tinta.
- Permite dar formas mais livres e detalhadas.





O papel machê, por ser leve e moldável, se tornou um recurso precioso para a arte sacra popular, especialmente nas comunidades que não podiam financiar esculturas em madeira ou gesso.

– Imagens de santos simples – São Francisco, Nossa Senhora, São José:



– Crucifixos leves e expressivos:



– Cenas bíblicas (presépios, via-sacra) – modeladas e pintadas em conjunto.



– Símbolos litúrgicos – pomba, barquinho, cálice, peixe e trigo.



POR QUE TRABALHAR COM PAPEL MACHÊ?

Porque é a estética da simplicidade, como o olhar do pobre que faz beleza com o pouco.

Porque é trabalho com as mãos, repetido e silencioso, que ensina paciência e contemplação.

Porque redime materiais comuns, como a fé que transforma a terra em caminho eterno.

Porque pode ser feito em comunidade, cada um contribuindo na criação de algo sagrado.

Papel machê ensina o essencial: Que o belo não nasce do excesso, mas do cuidado. Que a transformação é lenta, camada por camada. Que, mesmo rasgado, o papel pode carregar sentido. Como nós: feitos de fragilidade, mas chamados à forma. Desenvolve a humildade e a criatividade, por fazer com pouco algo belo e piedoso.

Curiosidade:

Em procissões de cidades históricas da Itália e do Brasil, imagens em papel machê eram levadas pelos fiéis por sua leveza e resistência.

No link abaixo, veja Estatuas de Pasteboard, também conhecidas com Estatuas de Papier Mache (1949). Veja no vídeo:



<https://www.britishpathe.com/asset/72343/>

ATIVIDADES

Utilizando papel machê, criar um objeto: cruz, coração, estrela, boneco, xícara, tigela, ou criar o objeto de seu projeto de design da aula 31.

Materiais:

- Papel picado (jornal, revista, papel higiênico, etc.).
- Cola branca.
- Água.
- Tigela (para colocar a cola).
- Lixa (opcional).
- Molde simples (balão, rolo de papel higiênico, papelão, caixa ou embalagens vazias), de acordo com seu projeto (opcional).
- Tinta acrílica e pincéis (para decorar).

Passos da atividade:

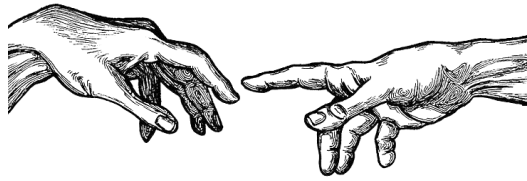
1. Defina o objeto/símbolo que será modelado.
2. Prepare o papel: pique o papel em pedaços pequenos ou rasgue-o em tiras.
3. Coloque o papel picado em um recipiente com água e deixe-o amolecer por alguns minutos. Quanto mais grosso o papel, mais tempo precisa deixar.
4. Retire o excesso de água. Escorra o papel, removendo o máximo de água possível. Você pode usar um pano ou peneira para isso.
5. Em um recipiente, misture o papel escorrido com a cola branca, adicionando água aos poucos até obter uma consistência pastosa e moldável.
6. Utilize uma massa de papel machê para criar a forma desejada, cobrindo o molde, ou usando as mãos ou ferramentas para modelar apenas a massa.
7. Deixe a peça completamente seca. O tempo de secagem pode variar dependendo do tamanho e espessura da peça, mas pode levar de um a três dias.

8. Após a secagem, retire o molde (se for o caso), lixe as irregularidades (opcional), pinte e decore a peça como desejar (cuidado com os símbolos e cores).



Orientações:

- Pique o papel bem pequenininho.
- Se a massa ficar muito dura, adicione mais água. Se ficar muito mole, adicione mais papel picado ou cola.
- Para uma superfície mais lisa, você pode lixar a peça após a secagem.
- Se quiser que a peça fique mais resistente, adicione um pouco de gesso à mistura.
- A escolha do papel influencia na cor final da peça. O papel jornal pode deixar uma peça com um tom acinzentado, enquanto o papel branco resultará em uma cor mais clara.
- Você pode triturar a massa, antes de modelar, num triturador: a massa ficará mais lisa resultando em um acabamento sem relevos, texturas.
- O papel machê não é à prova d'água nem resistente à água, a não ser que você use um selante ou misture algum aditivo junto à água. Se você fizer um item que ficará próximo de água ou fora de casa, você precisará fazer um acabamento com selante, como tinta têmpera, para objetos de crianças, ou verniz marítimo, para o caso de uma escultura que ficará no exterior da casa.
- Caso o seu projeto exija uma quantidade realmente grande de massa, faça tudo de uma vez.
- Experimente fazer com tipos diferentes de papel. Papel toalha e papel higiênico funciona muito bem.



AULA 35

TIPOGRAFIA E LETTERING



linguagem é direta, formativa e simbólica, mas escrever também pode ser desenhar; a forma da letra pode dizer tanto quanto o seu conteúdo.

Antes da palavra ser ouvida, ela é vista. Ela é corpo visível de uma ideia, e desenhar letras é dar forma ao invisível.

A forma da letra, o espaço entre as palavras, o tamanho e o ritmo dos traços dizem muito antes mesmo que a frase seja lida. Isso é tipografia: a arte de dar forma visual às palavras.

Mais do que escrever bonito, tipografia criativa é transformar texto em imagem, onde a letra expressa não só som ou ideia, mas também emoção, estilo, cultura e intenção.



TIPOGRAFIA

É o uso de tipos pré-existentes (as fontes) para compor textos com unidade, legibilidade e força. Ela nasce da imprensa, da necessidade de repetir, imprimir, organizar. É o impessoal com clareza, como um coral afinado em que cada voz se submete a um todo.

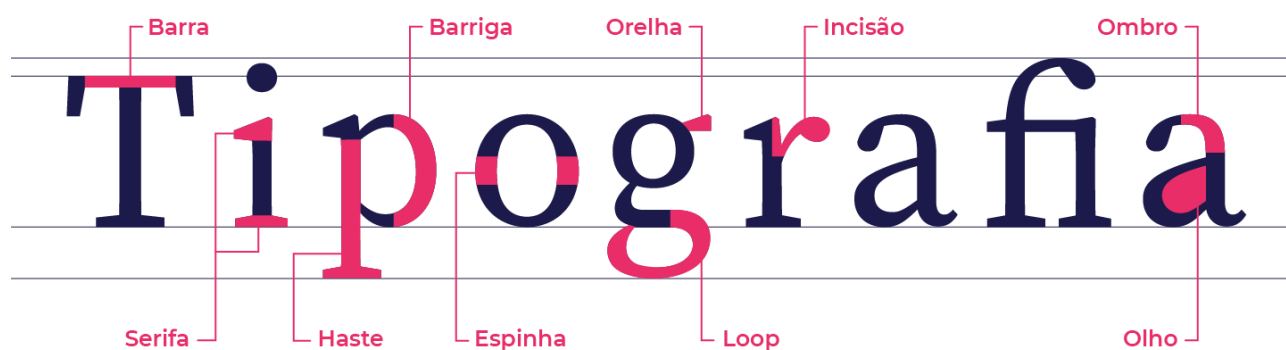
Tipografia é o estudo e o uso criativo das letras como elementos visuais. Inclui:

- Estilo da letra (rígida, fluida, quebrada, arredondada).
- Peso (fina, grossa, marcada).
- Espaçamento entre letras, palavras e linhas.
- Composição na página: curva, ângulo ou forma.
- Quando a letra deixa de ser neutra e se torna parte da mensagem chamamos de tipografia criativa.
- A palavra chora, grita, dança ou flutua por causa da forma, não só do conteúdo.

VELOZ	FORTE	Elegante	MECÂNICO
MODERNO	IMPACTANTE	Descolado	Orgânico
Tradicional	Diferente	<i>Divertido</i>	MODULAR
Chamativo	Simpático	Digital	Infantil
neutro	RELAXADO	<i>Pessoal</i>	Jovem

Tipos variados de fontes.

TIPOLOGIA DAS FONTES



Existem quatro tipos principais de tipografia: serifada (serif), sem serifa (sans-serif), cursiva (script) e decorativa (display). Cada tipo possui características distintas que as tornam adequadas para diferentes tipos de projetos de design.

1. Serifadas (Serif):

Características: Possuem pequenos traços ou prolongamentos nas extremidades das letras, chamados de serifas.

Uso: Tradicionalmente utilizadas em textos longos, como livros e revistas, pois as serifas ajudam na leitura contínua.

Exemplos: Times New Roman, Garamond, Georgia.

Sensação: Transmitem tradição, formalidade e confiabilidade.

2. Sem Serifa (Sans-Serif):

Características: Não possuem serifas, são mais limpas e minimalistas.

Uso: Adequadas para textos curtos, títulos e projetos digitais, onde a clareza e a modernidade são importantes.

Exemplos: Arial, Helvetica, Open Sans.

Sensação: Transmitem modernidade, simplicidade e objetividade.

Serif Fonts

Sans Serif Fonts

Exemplo de fonte serifada e sans-serif.

3. Cursiva (Script):

Características: Imitam a escrita à mão, com traços fluidos e elegantes.

Uso: Ideal para convites, cartões, títulos e elementos que exigem um toque pessoal e sofisticado.

Exemplos: Monotype Corsiva, Brush Script.

Sensação: Transmitem elegância, formalidade e personalização.

Amelina Harley
Better
Candle Mustard
Daylight
England
Hello Honey
Lovely Girl

4. Decorativa (display):

Características: Fontes mais artísticas e chamativas, com designs variados e criativos.

Uso: Mais adequadas para títulos, logotipos, cartazes e elementos que precisam se destacar.

Exemplos: Magneto, Rosewood.

Sensação: Transmitem personalidade, originalidade e criatividade.



Além dessas categorias principais, existem variações e estilos dentro de cada uma, como as fontes monoespaçadas (onde cada caractere ocupa o mesmo espaço) e as fontes com efeitos especiais. A escolha da tipografia certa pode impactar significativamente a mensagem e a experiência do usuário, por isso é importante entender as características e aplicações de cada tipo.

ONDE ESTÁ A TIPOGRAFIA?

- jornais e revistas;
- livros e apostilas;
- cartazes de cinema e teatro;
- capas de livros e discos;
- sites;
- logotipos e marcas;
- letreiros de rua e grafite;
- poemas visuais e caligramas;

– músicas ilustradas com palavras em forma.

A boa tipografia criativa une design e conteúdo, forma e emoção, imagem como palavra. Quem domina essa linguagem, fala com os olhos do outro.

LETTERING

Lettering é a arte de desenhar letras e palavras, tratando-as como ilustrações, e não apenas como escrita. Diferente da caligrafia, que busca a repetição de um mesmo estilo de letra, o lettering cria uma composição visual única para uma palavra ou frase específica, permitindo total liberdade de estilo, forma e cor.

É usado em logotipos, ilustrações, capas, onde a letra fala como figura, não só como portadora de texto.



PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE TIPOGRAFIA E LETTERING

Tipografia	Lettering
Repetição/Padrão	Singularidade/Artesanal
Função: serve à leitura	Expressão: reforça a identidade da palavra
Sistema: obedece a regras técnicas	Gesto: obedece ao ritmo da mão

ATIVIDADE



A Palavra Viva – perceber que a forma da letra pode reforçar (ou trair) o conteúdo da Palavra.

Materiais:

- 2 folhas de desenho.
- Lápis grafite e borracha.
- Canetas, canetinhas, lápis de cor.

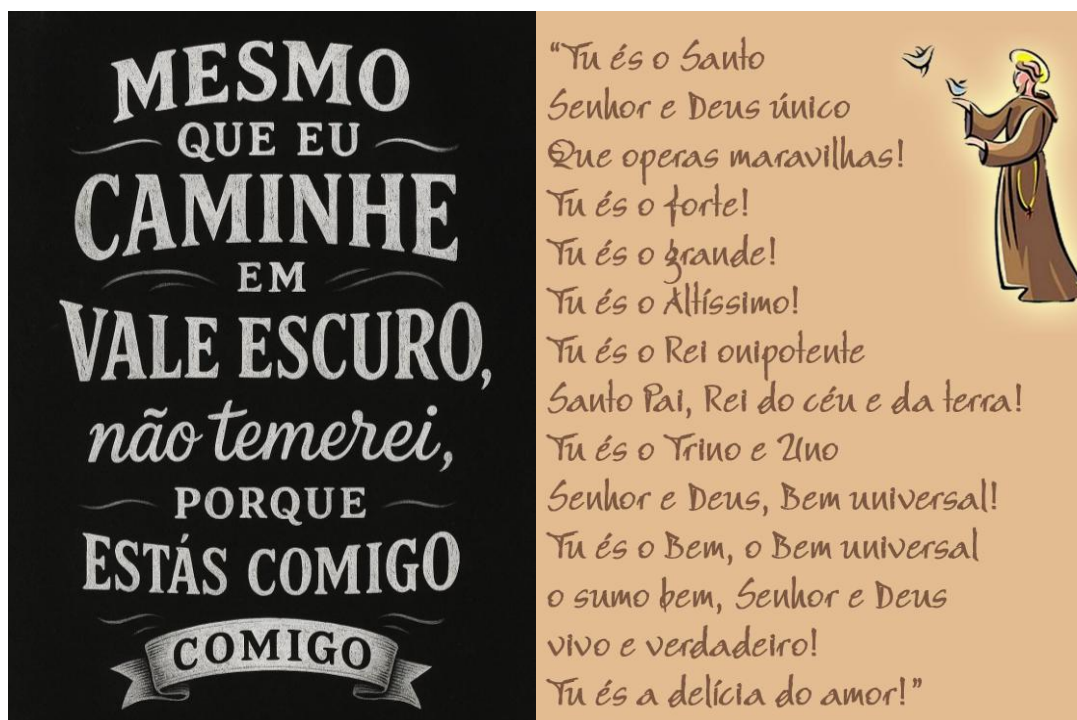
Passos da atividade:

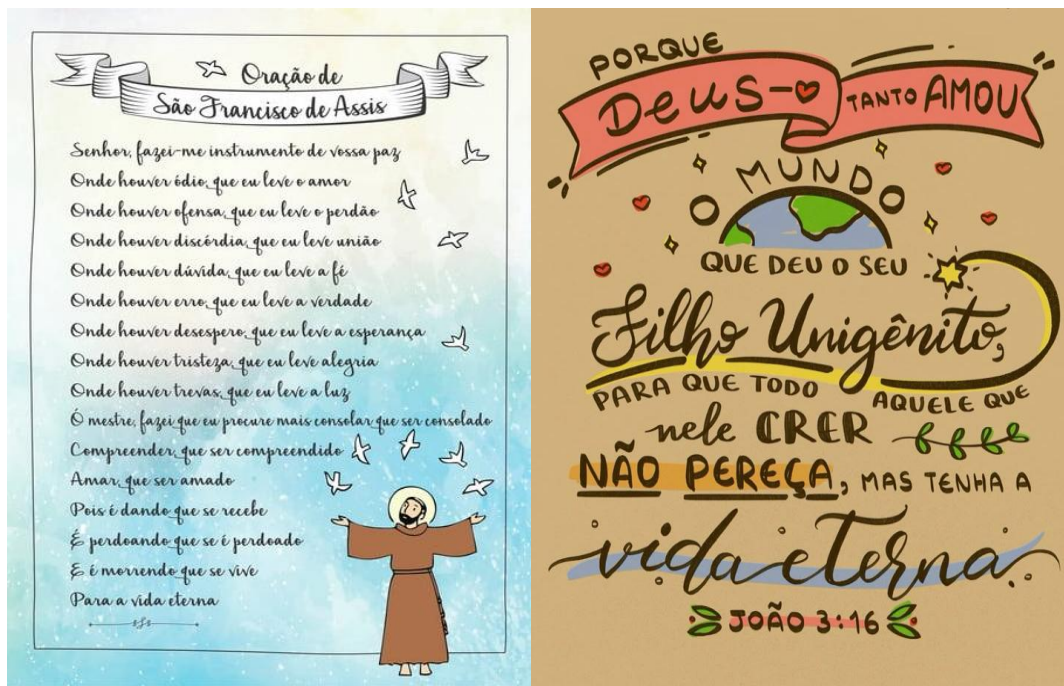
1. Experimente escrever uma mesma palavra de cinco formas diferentes (ex.: “tempo”, “luz”, “paz”, “vida”, “sonho”).



2. Em cada forma, mude o estilo da letra para combinar com o sentido.
3. Use lápis ou canetas coloridas, sombreamento, distorção intencional.
4. Agora, escolha ou escreva uma **poesia autoral**, ou escolha um poema ou uma frase que goste. Pode ser:
 - Versículo dos Salmos: “O Senhor é meu pastor, nada me faltará”.
 - Trecho de uma oração tradicional, como o Cântico das Criaturas, de São Francisco.
 - Meditações de Santos.
5. Inicie com leitura e reflexão para aprofundar o sentido do texto. Quem fala? A quem? Em que tom de alma? Onde está a esperança, o silêncio, a súplica, a alegria?
6. Use tipografias digitais ou lettering para reproduzir o poema. Escolha com critério, objetive a clareza, a hierarquia, o contraste, o espaço em branco. Deve evocar reverência e respeito textual.
7. Desenhe à mão o mesmo texto. Cada letra deve expressar algo do sentido: uma súplica pode inclinar-se, uma esperança pode ascender. Use ilustração leve, ornamentos simbólicos que evoquem intimidade, beleza e direção.

Exemplos:





8. Apresente seu trabalho a alguém e explique por que escolheu aquela tipografia e como traduziu a mensagem. Que não é apenas “embelezar palavras”, mas revelá-las, ordená-las à luz invisível que o sustenta.